

27/12/69

Para Milton Vargas,

VILÉM FLUSSER

Caro amigo, admito a ingenuidade de deixar-me influenciar por datas como o é a passagem do decênio, mas confesso que não consigo escapar ao desafio e à amarga dos anos 70, (provavelmente dos anos mais decisivos da nossa vida, já que nos anos 60 passaremos de atores a pacientes). Não quero, nesta carta, entrar no problema da futuração e da futurologia, mas quero apenas salienta o fato dessa disciplina ter modificado direta ou indiretamente toda a nossa atitude para com o futuro, seja no sentido de maior abertura de campo, seja no sentido de esvaziamento antecipado. Quero, pelo contrário, enfatizar o problema existencial que a passagem de decênio nos põe, e preciso focar o problema. Pergo-lhe, no entanto, de não obviar o problema, (como o faz ultimamente), ao desviar a discussão para o campo da motivação psicológica dos futurólogos) (para o suposto desespero dos "americanos", ou "traçagezes", ou "russos", ou do "Estado", ou de Roberto Campos), e que contrasta com a igualmente hipotética euforia dos "brasileiros". Mas pergão-lhe de entrar no mérito da questão mesma.

Uma coisa parece sobressair de todas as análises que li, e concorda com as minhas próprias experiências e especulações: as tendências para a re-estruturação da cultura ocidental passarão, nos próximos anos, a resultar em motivações palpáveis da cena, e essas modificações se darão sem nossa participação, porque em regiões distantes. Mencionarei algumas: superação da motivação econômica na juventude; re-estruturação da vida sexual, (incluindo a família); dissolução das comunidades rurais e decadência das grandes cidades em prol de comunidades suburbanas; reformulação do ensino no sentido de de-especialização e universalização, no sentido de des-informação e des-programação, substituídas por estruturação, e no sentido de substituição de escolas por sistemas cibernéticos abertos; novo ritmo vital que modificará o conceito da idade, (estudantes serão pessoas com menos de 30 e mais de 55 anos); o conceito de classe, (a hierarquia não será de produção, mas de consumo); e o conceito de grupo, (haverá minorias do tipo "homossexual" ou "comedor de galinha"); revolução nas artes com tendência para o lúdico, o efêmero e o realizado em grupo; revolução na religiosidade com forte dose de orientalismo e de recurso a psicotrôpicos; e desaparecimento de certas ideologias, (nacionalismo, socialismo, militarismo), acompanhado do surgir de outras, (pansexualismo, hedonismo, quietismo). Cada um destes fatores por si só, e mais ainda tomados em conjunto, garantirão uma quebra da tradição e um surgir de novas formas de pensamento. E, repito, isto se dará sem a nossa presença física, (a não ser por visitas esporádicas), e sem a nossa participação ativa.

A defasagem que sofreremos ressaltada se considerarmos o outro lado da medalha. Não haverá estagnação na nossa circunstância, mas haverá duas tendências opostas: uma que visará manter o ritmo lento das modificações arcáticas, e a outra visará uma violenta subversão das estruturas. As perspectivas da primeira são ilustradas pelo ano 69: o ano foi muito bom para o Brasil,

(aumento da renda bruta em 6%, e da população em apenas 3,7%), e muito mais para a França, (aumento da renda bruta em 7,5% apenas, e da população em 1,2%). E isto acompanhado de relativa estagnação cultural aqui, e inquietude cultural na França. As perspectivas de segunda tendência, (ilustradas pela Bolívia), são por demais melancólicas para serem consideradas. Isto significa que temos duas alternativas para o ano 80: ou aproximadamente as mesmas estruturas das atuais, levemente melhoradas, ou o caos.

Tomando como premissa que esta vida é a nossa única oportunidade, e que a importância é medida pelas modificações na circunstância que operamos em vida, surge o desafio: podemos, dada a situação esboçada, aproveitar a vida? A que se põe de forma inteiramente diferente daquela a qual a formulei em 59. Neste momento tive a ilusão que o Brasil pode contribuir significativamente para a reformulação da cultura, não como realização, mas como modelo, e que portanto sou privilegiado pelo fato de colaborar nesse modelo. Agora a ilusão não se sustenta mais, dada a rapidez dos acontecimentos fora, e o marasmo dentro. (Pelo menos não se sustenta para a nossa geração, embora talvez continue válida para os nossos filhos). Isto nos deixa com as seguintes alternativas: (a) continuar tentando fazer o possível, sabendo da frustração do esforço, (b) emigrar para os centros de decisão, sabendo da dificuldade de absorção e da redundância do esforço, (c) abdicar do fazer e passar a consumir clinicamente, e (d) fechar os olhos à evidência e beber o opiato do otimismo. Mas talvez toda esta formulação esteja errada. Talvez não está assim localizada a questão de

aproveitar a vida. Quem sabe, o problema nada tem a ver com tempo e espaço. Vivo para fazer aqui lo para o qual fui chamado. Por exemplo: para fazer uma teoria da tradução, ou uma análise da língua. E os anos 70 que se danem. E isto verdade, ou é fuga? Quando Roma arde, Nero tocava violino, e morreu dizendo "Quais artifex pereo Teria razão Nero? "Each morn a thousand roses brings, you say. Yes, but where leaves the rose of yesterday? And this first summer month that brings the rose, Shall take Yemshid and Koikabad away. Well, let it take them. What have we to do with Koikabad the great or Kalkhosrd? Let Zel and Rustum bluster as they will, Or Hettim call to supper - heed not you." Rubalyat.

Por favor, responda.

Abraços

8